

## METAPSICOLOGIA E EPISTEMOLOGIA: REDEFININDO FRONTEIRAS NA PSICANÁLISE FREUDIANA

METAPSYCHOLOGY AND EPISTEMOLOGY: REDEFINING BOUNDARIES IN FREUDIAN PSYCHOANALYSIS

Elizabeth Fátima Teodoro<sup>1</sup>, Renata Cristina Gonçalves<sup>2</sup>, Thales Fonseca<sup>3</sup>, Wilson Camilo Chaves<sup>4</sup>

### Resumo

Este artigo explora a formação da psicanálise como uma nova área do conhecimento, utilizando uma análise qualitativa baseada em textos de Sigmund Freud e contribuições de estudiosos da epistemologia psicanalítica. Examina o contexto epistemológico e histórico da emergência da psicanálise, destacando a influência da formação diversificada de Freud na sua estrutura conceitual, marcada pela fronteira entre desafios clínicos e teóricos, e a bifurcação entre cultura e ciência. O estudo ressalta a metapsicologia como solução epistemológica que permitiu a Freud avançar no conhecimento psicanalítico, superando a dicotomia entre ciências naturais e humanas de sua época. Este trabalho é relevante para iluminar como a metapsicologia contribuiu para a consolidação da psicanálise como um campo de estudo distinto, influenciando profundamente a compreensão contemporânea da mente humana e suas complexidades.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Epistemologia Psicanalítica; Metapsicologia; História da Psicanálise; Sigmund Freud.

### Abstract

This article explores the formation of psychoanalysis as a new area of knowledge, using a qualitative analysis based on texts by Sigmund Freud and contributions from scholars of psychoanalytic epistemology. It examines the epistemological and historical context of the emergence of psychoanalysis, highlighting the influence of Freud's diverse training on its conceptual structure, marked by the border between clinical and theoretical challenges, and the bifurcation between culture and science. The study highlights metapsychology as an epistemological solution that allowed Freud to advance in psychoanalytic knowledge, overcoming the dichotomy between natural and human sciences of his time. This work is relevant to illuminate how metapsychology contributed to the consolidation of psychoanalysis as a distinct field of study, profoundly influencing the contemporary understanding of the human mind and its complexities.

**Keywords:** Psychoanalysis; Psychoanalytic Epistemology; Metapsychology; History of Psychoanalysis; Sigmund Freud.

<sup>1</sup>Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Contato: [elektraliz@yahoo.com.br](mailto:elektraliz@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Contato: [renatacgoncalves@hotmail.com](mailto:renatacgoncalves@hotmail.com)

<sup>3</sup>Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Professor no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. Contato: [thalesalberto94@gmail.com](mailto:thalesalberto94@gmail.com)

<sup>4</sup>Doutor em filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/SP) e professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ/MG). Contato: [camilo@ufsj.edu.br](mailto:camilo@ufsj.edu.br)

**Editor-associado:** João Pedro Santana Motta

**Recebido em:** 05/12/2023

**Aceito em:** 27/03/2024

**Publicado em:** 23/12/2024

**Citar:** Teodoro, E. F., Gonçalves, R. C., Fonseca, T., Chaves, W. C. (2024). Metapsicologia E Epistemologia: Redefinindo Fronteiras Na Psicanálise Freudiana. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, 12(1), 25-38



## Introdução

“É em vão que vagais entre as ciências: cada qual aprende somente aquilo que pode aprender” (Goethe *apud* Freud, 1925/2011, p. 79).

A frase acima corresponde à advertência de Mefistófeles em “Fausto” e foi citada por Freud nas primeiras páginas de seu texto autobiográfico. É interessante que ele a tenha citado justamente antes de apresentar seu percurso pelas ciências da natureza, campo no qual sua juventude ansiosa lhe fez trilhar, mas que a descoberta de suas peculiaridades e limitações de seus dons lhe tenha negado sucesso. Nas palavras do mestre de Viena, vemos sua percepção acerca de uma divisão significativa que marcava o período: o abismo entre as ciências naturais (*Naturwissenschaften*) e as ciências humanas (*Geisteswissenschaften*). Freud, ao longo do desenvolvimento da psicanálise, optou por não destacar explicitamente essa dicotomia. Contudo, essa separação fundamental influenciou profundamente seu pensamento desde o início, sutilmente entrelaçando-se com os fundamentos da psicanálise, apesar de seus esforços para navegar sem enfatizar tal cisão.

Logo, não parece exagero afirmar que a psicanálise, semelhante à formação de Freud, inscreve-se em uma divisão. Para além do foco no trabalho com a contradição, a história de formação dessa área do conhecimento é, ela mesma, marcada pela ambivalência. Antes de Lacan situar a psicanálise entre o matema e o poema, Freud já navegava habilmente sobre o fio de uma navalha epistemológica, misturando pesquisa fisiológica e anatômica, ciência experimental e clínica médica, biologia e psicologia, teoria localizacionista e funcionalista, arte e ciência, natureza e cultura, prática clínica e especulação metapsicológica, eis que Freud coloca tudo em um grande caldeirão semelhante ao da Bruxa da história do *Fausto* de Goethe, como ele mesmo menciona, e o resultado, descreve Iannini (2017): “é uma curiosa combinação de pretensão epistêmica repousada no modelo naturalista da ciência e de confiança inabalável no valor cognitivo e heurístico da ficção e do mito” (p. 91) que baliza a psicanálise do início ao fim.

Entretanto, sabemos que Freud não se furta de atribuir à psicanálise um valor científico, além de afirmar se tratar de uma ciência cultivada no solo das ciências da natureza. Nesse contexto, questionamos: como a metapsicologia freudiana, entrelaçando ciência e cultura, redefine os limites da psicanálise e desafia uma dicotomia tradicional entre ciências naturais e humanas? Essa pergunta orienta nossa investigação, dada a importância de compreender o caráter científico e a metodologia da psicanálise para avaliar sua relevância e aplicabilidade em contextos contemporâneos.

É fato que a discussão em torno da obra freudiana e de seu modo de produção do conhecimento envolve aspectos bem mais complicados do que a mera localização de um conjunto de termos técnicos aplicados às ciências da natureza ou às ciências do espírito (ciências humanas), dualismo metodológico que fervilhava no alvorecer do pensamento de Freud, permanecendo vivo também durante todo o período da constituição dos chamados conceitos fundamentais da psicanálise. Para Simanke (2009), essa divisão metodológica está tão arraigada no modo de se pensar que ainda hoje permanece presente. Por essa razão,

embora não seja o foco deste texto aprofundar-se nos detalhes dessa discussão, é importante oferecer um panorama básico dessas duas vertentes epistêmicas.

As ciências da natureza se propõem a trabalhar com uma parte da vida que o homem não criou, trata-se, pois, de uma parcela passível de ser medida e calculada, o que permite observar e descrever imparcialmente os fatos, motivo pelo qual essas ciências teriam garantido seu estatuto. Segundo Iannini, seus modelos que expressam grande rigor e cientificidade, “assim como seus instrumentos de quantificação dos dados colhidos na fase experimental” (Iannini, 2017, p. 110) são tomados principalmente da física matematizada, enquanto as ciências humanas “se ocupariam do meio prático da vida, do mundo criado, habitado e transformado pelo próprio homem, isto é, as sociedades, a história e os indivíduos” (Iannini, 2017, p. 110). Esse objeto próprio das humanidades exige outros métodos investigativos, assim, “categorias como historicidade, significação e interpretação, advindas seja da História, da Filologia, seja da Teologia, passam a ser alternativas ao modelo matemático e ao método experimental” (Iannini, 2017, p. 111).

Obviamente, esses novos modos de se produzir conhecimento geraram e ainda geram grandes debates quanto ao estatuto de cientificidade das ciências humanas, principalmente em decorrência das críticas dos fisicalistas alemães e franceses do século XIX. No campo da psicologia, essa divisão se mostrou historicamente ainda mais contraproducente, com uma fragmentação que oscila de abordagens mais inclinadas ao naturalismo como a psicologia behaviorista, cognitiva e evolucionista a abordagens que se afinam muito bem com as humanidades como a psicologia humanista, fenomenológica e cultural.

Nessa linha de pensamento, Simanke (2009) assevera que, apesar de todo esse debate, a psicanálise freudiana se apresenta como uma notável exceção, uma vez que Freud não entra nesse embate, ele recusa a questão, pois, em sua perspectiva, a afinidade entre a psicanálise e as ciências da natureza são evidentes. Porém, ainda assim, o mestre de Viena desemboca em questões próprias da história, política, arte, religião e outras que, segundo Simanke (2009), dão o tom da sua interessante singularidade epistemológica.

Nessa perspectiva de uma epistemologia que sempre desperta interesse que propomos a revisitar e ampliar a compreensão da constituição e desenvolvimento epistemológico da psicanálise freudiana, com um foco particular na metapsicologia como ferramenta epistemológica. Para isso, empregamos uma análise crítica e interpretativa de textos freudianos e de epistemólogos psicanalíticos, utilizando uma abordagem qualitativa que combina análise histórica e teórica (Simanke & Caropreso, 2018). Essa metodologia permite uma exploração aprofundada das nuances e complexidades do pensamento freudiano e de suas implicações para a psicanálise contemporânea.

Destacamos que o debate em torno da obra de Freud e de seu processo de geração de conhecimento é intrincado, ultrapassando simplesmente o uso de terminologia especializada. Esse debate engloba a intersecção entre as ciências naturais e as humanidades, uma separação metodológica que continua sendo relevante e desafiadora até os dias atuais. Ao explorar essas duas vertentes epistemológicas, nosso objetivo é identificar a unicidade e a contribuição da psicanálise no cenário intelectual contemporâneo.

## **Dos fundamentos científicos e clínicos da psicanálise em Freud**

Não é incomum ouvir a afirmação de que Sigmund Freud, o pioneiro da psicanálise cuja influência no pensamento ocidental é indiscutível, raramente fazia claras suas referências. Tendo isso em mente, falar dos fundamentos da abordagem psicanalítica é uma maneira de asseverar que a psicanálise, como já dizia Loureiro (2006), não surge *ex-nihilo*, por assim dizer, do nada. Ao embarcar nessa análise, é essencial reconhecer o papel da vida de Freud na formação da psicanálise. O próprio destacou em várias ocasiões como sua experiência pessoal está entrelaçada com a evolução do movimento psicanalítico, tornando inviável discutir um sem se referir ao outro. Isso se manifesta, por exemplo, na relevância que Freud atribuiu à sua autoanálise e à interpretação de seus próprios sonhos como ferramentas de investigação e pilares na edificação de sua teoria.

Quanto à biografia freudiana, de antemão um fator se destaca: sua origem judia e as influências desse fato em seu pensamento. Essas são primeiramente de ordem cultural, evidenciando-se no sólido conhecimento de Freud sobre a Bíblia; em sua familiaridade com a interpretação dos textos sagrados; na presença marcante, em seu estilo, do chamado humor judaico (Loureiro, 2006). Ainda que o criador da psicanálise não seguisse a religião judaica, ele nunca negou seu pertencimento a tal cultura e chegou a afirmar, no prefácio à edição em hebraico de “Totem e Tabu”, que se lhe perguntassem o que ainda haveria nele de judeu, ele prontamente responderia: “Muita coisa, provavelmente o principal” (Freud, 1912-1913/2012, p. 10).

Mas devemos dizer, há também uma influência notável de ordem prática, principalmente no que acabou se impondo a ele como obstáculo, que inclui a ascensão lenta na carreira universitária devido ao antissemitismo e posteriormente seu receio constante de que a psicanálise fosse encarada como uma ciência judaica (Loureiro, 2006). Porém, Freud (1925/2011) parece ter tirado proveito até mesmo desses empecilhos, afirmando ter sido importante já se acostumar desde sempre com a resistência para consigo, o que lhe dotou de certa independência intelectual imprescindível para que suportasse os ataques que mais tarde seriam feitos à psicanálise e a ele próprio.

Para além de sua ascendência, devemos ter em conta o contexto histórico no qual o pensamento freudiano se enraíza. Como se sabe, Freud era herdeiro do Iluminismo e da crença na razão predominante nos séculos XVIII e XIX, tendo toda sua formação realizada no ambiente duro do fysicalismo alemão “que deixou marcas profundas em sua maneira de trabalhar, particularmente em sua obsessão pelo fato clínico” (Iannini et al., 2021, p. 15). O que se expressa também de maneira ostensiva em sua evidente vocação científica e em seu otimismo epistemológico.

Assim, em um primeiro momento, assistimos ao interesse do ilustre vienense pela fisiologia, vindo ele a ser discípulo do fisiologista alemão, Ernst Brücke de 1876 a 1882. O próprio Freud (1925/2011) confessa que, nesse momento de sua formação acadêmica, sentia bastante satisfação em trabalhar em um laboratório de fisiologia com uma atividade puramente teórica, de modo que os estudos propriamente médicos, com a exceção da psiquiatria, pouco lhe atraíam naquele período.

Nos anos seguintes, já como interno em um hospital geral, veio a trabalhar com Theodor Meynert em um laboratório de anatomia cerebral, mantendo a mesma dedicação que cultivara, antes, na pesquisa fisiológica. Se com Brücke havia se dedicado a estudar a medula espinhal de um peixe inferior, posteriormente,

Freud manteria tal orientação passando ao sistema nervoso dos humanos, mais especificamente, a *medulla oblongata*, também conhecida como bulbo. Porém, sentia que a investigação em anatomia cerebral não produzia, do ponto de vista prático, o mesmo progresso que os estudos em fisiologia (Freud, 1925/2011).

Essas elaborações são decorrentes, igualmente, da fase em que Freud passa a se dedicar ao estudo das chamadas doenças nervosas, sendo logo atraído pelo célebre expoente da Escola de Salpêtrière, Jean-Martin Charcot, em 1885. Transferindo-se para Paris por alguns meses, o vienense passa a ter contato com o trabalho com neuróticos, especificamente, com a histeria (Freud, 1925/2011). Na França, ele viria a ter a experiência de um importante contraponto à tradição positivista alemã da qual viera, perpassada pela pesquisa experimental. Na psiquiatria dinâmica francesa tradicional, Freud se deparou, para a sua surpresa, com a predominância da clínica sobre os modelos teóricos, bem como com a centralidade dos fatores psíquicos no que se refere à etiologia (Loureiro, 2006).

Nesse sentido, Charcot prezava pela primazia dos fatos clínicos, o que se traduzia em sua máxima – “a teoria é boa, mas não impede que [um fato] exista” –, que muito impressionava Freud (1893/1959, p. 5). É nessa linha de pensamento que Dunker (2011) pensa Charcot mais como um fotógrafo que necessariamente um teórico, pois seu interesse não consistia em descrever a histeria como um conjunto de traços imutáveis e estigmatizantes, mas sim apreender o ataque histérico com seus gestos elementares e suas transições por meio de verdadeiros “*quadros vivos*” (Mannoni, 1999, p. 83) que permitissem dar precisão aos seus diagnósticos diferenciais, congelando dizeres e expressões corporais que se convertiam em verdadeiros “quadros” clínicos dos quais “o médico é primeiramente espectador” (p. 82).

Nesse ponto, já evidenciamos uma formação bífida de Freud marcada, por um lado, pela rigorosa teorização presente no ambiente científico austríaco e, por outro, pela soberania dada à clínica na França. Ambas as dimensões ecoam na própria estrutura da formação conceitual da psicanálise, inteiramente perpassada pela tensão entre os impasses impostos pela clínica e pela teoria, o que resulta no que Freud vai chamar de metapsicologia.

Além disso, o ano de 1889 se encontra entre as principais influências que constituíram o pensamento freudiano. A Escola de Nancy, na qual Freud (1925/2011) teve contato com Ambroise-Auguste Liébaux e Hippolyte Bernheim que, juntamente com a experiência tida em Salpêtrière, quatro anos antes, seriam essenciais no que se refere ao uso terapêutico da hipnose que marcou os primórdios da psicanálise, ou pelo menos do que mais tarde se tornaria a psicanálise. Deve-se dizer ainda que a aproximação com a Escola de Nancy seria de fundamental importância para a sua renúncia ao tratamento das enfermidades nervosas orgânicas e para a emergência de novos interesses.

Um ponto que se destaca nessa ocasião se refere à utilização da hipnose, como mencionamos acima. Isso porque, mesmo que, tanto Charcot como Bernheim, fizessem uso da hipnose na investigação da histeria, eles partiam de modelos explicativos profundamente antagônicos. Charcot, como se sabe, foi um exímio neuropatologista e só teria se dedicado à histeria no final de seu percurso científico. Assim sendo, ele permaneceu no registro da racionalidade anátomo-clínica. Mesmo que tenha avançado bastante em seu estudo teórico sobre o trauma e a hipnose, ele acreditava que o conhecimento sobre a histeria dependia de um avanço ainda por vir de pesquisas biológicas (Birman, 2003). Nesse sentido, a hipnose apresentava valor

metodológico, ou seja, o interesse charcotiano consistia em produzir uma histeria artificialmente (Freud, 1890/2017).

Bernheim, por sua vez, supunha que a histeria seria produzida pela sugestão ou mesmo pela autossugestão, de modo que os histéricos seriam, em síntese, indivíduos bastante sugestionáveis. Por isso, eles poderiam ser curados pela hipnose, como uma espécie de contrassugestão (Birman, 2003). Nesses termos, para ele, a hipnose era “um fenômeno da psicologia normal” (Freud, 1890/2017, p. 45) que possibilitava a utilização da sugestão no processo de cura da histeria.

Dessa forma, a diferença básica entre Charcot e Bernheim era que enquanto o primeiro se fiava na clínica, ou seja, na observação minuciosa e na descrição e classificação dos fenômenos próprios da histeria, o segundo se pautava na psicoterapia que poderia auxiliar no tratamento dos fenômenos psicológicos adoecidos. É por isso que Iannini e Tavares, nas notas finais do texto de Freud (1890/2017), afirmam que: “A passagem de Charcot a Bernheim corresponderia à passagem de uma clínica do olhar a uma clínica da palavra, já que este último concebia a hipnose como resultado da sugestão pela palavra” (p. 45). Assim, verificamos que tais influências marcam uma passagem interessante da técnica do olhar para a técnica da escuta, do mesmo modo que evidencia a transição do chamado tratamento anímico ao tratamento psíquico (Dunker, 2011) – trajeto fundamental para o surgimento da psicanálise.

Sigmund Freud, por sua vez, situado entre esses dois polos, realizaria uma crítica sistemática a ambos. Discordava de Charcot no que se referia à primazia do fator biológico como fundamento etiológico, porém, também não concordava com Bernheim no que consistia na inexistência de um substrato para a sugestionabilidade da histeria. Na concepção de Freud, haveria sim um substrato, que se materializaria em um traço mnêmico sem positividade anatômica (Birman, 2003).

Por isso, no momento em que Freud (1891/2013) escreve o texto “Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico”, já podemos falar que se tratava dos primórdios da teoria psicanalítica, visto que ali se propunha uma reflexão crítica a respeito da linguagem. A investigação inicial se desdobra sobre a literatura das afasias de Wernicke, Broca, Meynert, Grashey, Bastian, entre outros.

Broca e Wernick localizavam as perturbações da linguagem precisamente em determinadas regiões do cérebro. Desse modo, o diagnóstico de afasia motora era realizado diante de uma lesão no centro motor (área de Broca), enquanto a afasia sensória era decorrente de lesão no centro sensorial (área de Wernicke). Já a afasia de condução, mais conhecida por parafasia, apresentava-se como resultante de lesão entre as vias de condução dos centros motor e sensorio.

A investigação e análise de casos de afasia levou Freud (1891/2013) a romper com as teorias localizacionistas, uma vez que foi possível constatar a ausência de lesão cerebral em diversos casos. Diante disso, o autor defendia a ideia de que tais casos se tratavam, na verdade, de uma perturbação de ordem funcional e que somente um aparelho construído via associação poderia explicar tais distúrbios de linguagem. Logo, o diagnóstico de afasia não manteria relação direta com as zonas cerebrais, pois um embaraço na linguagem apontaria para o funcionamento deste aparelho, o aparelho de linguagem.

Ainda no texto sobre as afasias, Freud (1891/2013) propõe o funcionamento do aparelho de linguagem por meio de redes associativas. Assim, ele apresenta um aparelho de linguagem estruturado por

uma rede de elementos associados entre si, ou seja, o aparelho é construído por efeito da relação dinâmica entre os vários níveis de processos associativos, os quais constituiriam as representações.

Essa discussão levou Freud (1896/1996) à escrita da famosa Carta 52 ao seu grande amigo e interlocutor na época, o médico Wilhelm Fliess, na qual esboçava o que seria o primeiro esquema de funcionamento do aparelho de linguagem, que, composto por diferentes níveis de registros dos traços mnêmicos e ordenados por princípios associativos, propiciariam transcrições e traduções do material psíquico. Foi essa concepção que possibilitou a Freud (1890/2017) afirmar que o tratamento psíquico seria efetivamente centrado na linguagem, assertiva que ia na contramão da perspectiva médica de sua época. Esse esquema será fundamental para se pensar em casos de psiconeuroses e consequentemente na operação clinicamente nomeada por “recalcamento” tão frequente em casos de histeria.

Os casos de histeria acompanhados por Freud entre 1889 e 1892 possibilitaram a construção topológica de uma “região psíquica” na qual atuaria a hipnose, “herdada” de seus mestres mencionados anteriormente. Ainda que Freud tenha abandonado rapidamente a técnica hipnótica, esse foi um campo que lhe possibilitou avançar em questões relevantes a respeito da potência da linguagem na produção e cura dos sintomas – avanço que, mais tarde, transferiu a psicanálise à categoria de uma clínica da *talking cure* (Birman, 2003).

É nesse contexto que Iannini et al. (2021) chamam a atenção para o fato de que poucos anos depois, em 1895, Freud redige o *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1895/1996) com um vocabulário exclusivamente naturalista para divulgar sua teoria do aparelho neuronal e no mesmo ano publica *Estudos sobre a histeria* (Freud, 1893-1895/2016), obra que ficou extremamente conhecida pela capacidade freudiana de apresentar as histórias clínicas como casos que poderiam ser lidos como romances. O próprio Freud (1893-1895/2016), na Epícrise do caso de Elisabeth von R, menciona essa ambivalência, parecendo ter ciência de que muito brevemente seria necessário forjar uma metodologia própria para abarcar o objeto de pesquisa que se descortinava.

O início da construção do cenário metapsicológico citado até aqui dará lugar ao surgimento da psicanálise propriamente dita, já no fim do século XIX, quando Freud se aproxima do médico e fisiologista austríaco, Josef Breuer. É nesse momento de intensa correspondência intelectual que a importância do trauma para a etiologia da histeria é sedimentada; trauma produtor de uma divisão da consciência da qual se originam os sintomas histéricos (Birman, 2003). Como nos diz o próprio Freud (1893/1959), a espinhosa questão da divisão da consciência que na Idade Média era tratada como possessão demoníaca tornou-se, a partir de então, cientificamente inteligível, por meio da combinação “do rigor conceitual do cientista com o rigor formal do poeta” (Iannini et al., 2021, p. 16).

Assim, essas linhas gerais dos fundamentos científicos e clínicos da psicanálise freudiana não pretendem esgotar a questão, mas oferecem subsídios para destacar o espírito de rigor que Freud consolidou como modo de produção de um conhecimento singular. É nesse sentido que Assoun (1983) afirma que “da anatomia que ocupou os primeiros e decisivos anos em que [Freud] trabalhou no laboratório de Brücke à tópica, o caminho não se fez sem que se consolidassem certos ‘modelos de pesquisa’ e se fixasse um ‘espírito de rigor’” (pp. 116-117) científico.

## **Das questões multifacetadas da cultura à consolidação da metapsicologia como orientação epistemológica da psicanálise freudiana**

Como vimos anteriormente, ainda que a formação de Freud tenha se pautado basicamente pelos caminhos duros do fisicalismo alemão, a clínica francesa lhe acenou novos horizontes investigativos e, mesmo sem abrir mão de uma orientação epistemológica naturalista, Freud se permitiu estender a aplicação dos conceitos psicanalíticos às questões culturais (Simanke, 2009). Por isso, vale ainda um pequeno recuo à formação cultural freudiana.

Nesse contexto, é interessante perceber que, ao lado de uma formação universitária marcada pelo materialismo científico, Freud possuía uma vasta formação humanística que incluía: conhecimentos de história e mitologia; idiomas (rudimentos de latim e grego, inglês, francês, espanhol, além do hebraico e do alemão); um apaixonado interesse por literatura que partia da literatura universal (Sófocles, Shakespeare, Cervantes, Ibsen e Dostoiévski), passando por seus contemporâneos (Mann, Zola e Twain), e chegando a autores de língua alemã de extração clássico-romântica (Heine, Schiller e, sobretudo, Goethe); predileção por esculturas (Michelangelo) e pinturas (da Vinci, Rembrandt); além de ter sido um colecionador de antiguidades, mostrando interesse por civilizações antigas e por arqueologia (Loureiro, 2006). Não sem razão, Max Graf, pai do “pequeno Hans”, declarou: “Freud foi uma das pessoas mais cultas que conheci. Ele conhecia todas as obras mais importantes dos escritores. Conhecia os quadros dos grandes artistas, que tinha estudado nos museus e igrejas da Itália e da Holanda” (Graf, 1993, p. 33 apud Chaves, 2015, p. 8).

Ora, toda essa erudição não seria sem efeitos para a construção da psicanálise tanto no âmbito teórico, com as referências a tais obras, quanto ao estilístico, que lhe rendeu, em 1930, o Prêmio Goethe de Literatura (Loureiro, 2006). É importante mencionar ainda que, ao contrário do que muitos pensam, esse prêmio não se referia unicamente a sua capacidade ímpar de escrita e clareza na exposição das ideias, tratava-se de um prêmio que “era destinado aos grandes nomes da cultura que, tal qual Goethe, desenvolviam um pensamento movidos por uma curiosidade que atravessava as fronteiras entre literatura, ciência, política, filosofia etc.” (Iannini et al., 2021, p. 19).

Por isso, aqui, mais uma vez, podemos acenar para algo de uma constituição bífida da psicanálise – agora dividida entre a cultura (arte, política, filosofia e outros) e a ciência – que ecoa fortemente na teorização freudiana. Assim, não é incomum, ao longo dos textos de Freud, encontrarmos traços significativos de uma dimensão estética que apontam para uma epistemologia que também leva em consideração a sensibilidade existente tanto no processo psicanalítico quanto nos movimentos psíquicos. Motivo pelo qual, em inúmeros momentos, ele usa como metáfora o ofício do escultor para falar da prática psicanalítica.

Ademais, vale comentar que a psicanálise surge em um contexto, temporal e espacial, no qual a distinção entre ciências da natureza e ciências humanas passa a ser operante. O exemplo mais evidente é o que marca as origens da psicologia com Wilhelm Wundt, que nasce cindida em dois projetos paralelos com contornos bem definidos, capazes de respeitar os limites epistemológicos instituídos pela divisão que acabara de se efetivar: de um lado uma psicologia experimental, de outro uma psicologia dos povos (Farr, 1996). Ora, em um cenário como esse, a psicanálise aparece como um caso emblemático de tensão dialética entre essas



duas formas do fazer científico, constituindo-se, ela mesma, como uma espécie oxímoro: uma ciência natural da mente, ou, se quisermos, uma *Naturwissenschaft* cujo objeto, paradoxal por excelência, é o *Geist*.

Dáí Loureiro (2006) afirmar que o advento da psicanálise é atravessado por luzes e sombras, isto é, a combinação entre o fascínio pelo irracional e a busca por conhecê-lo racionalmente. E o que subjaz tal condição inerente à psicanálise seria a presença de raízes iluministas e românticas indissolúvelmente entrelaçadas. Logo, a problemática fundamental da psicanálise (o inconsciente), o interesse por fenômenos situados nas bordas da racionalidade (os sonhos, a sexualidade, a loucura e a morte), mostram-se como herança do Romantismo Alemão. Porém, segundo Simanke (2009), a originalidade da psicanálise esteve justamente em trabalhar tais questões por um viés científico, e não místico ou metafísico como era comum até então.

É nessa perspectiva que Simanke (2009) pensa que “Freud pôde ser apresentado como um *teórico da ruptura entre natureza e cultura* [...] apesar de suas explícitas manifestações em contrário” (p. 226-227, grifos do autor). Assoun (2012), por sua vez, vai atribuir à psicanálise a função de “mediadora entre ‘ciências médicas’ e ‘ciências da cultura’” (p. 50) e Iannini (2017) irá defini-la como “uma ciência da natureza sem natureza” (p. 111).

É fato que esses elementos culturais atravessaram a psicanálise freudiana de formas variadas, possibilitando depreender diferentes formas da psicanálise se relacionar com a cultura e diferentes olhares da psicanálise sobre a cultura. Na arte, por exemplo, em alguns textos, Freud se ocupa em analisar o artista e suas obras, como vemos em textos como *Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci* (Freud, 1910/2015) e *Dostoiévski e o parricídio* (Freud, 1928/2015). Nesses casos, ele se serve dos dados biográficos do autor a fim de interpretar a obra ao mesmo tempo em que utiliza a obra como evidência para entender o psiquismo do artista. Já no texto *O Moisés de Michelangelo*, Freud (1914/2015) pretende interpretar a escultura em si, além de descrever seu próprio método de interpretação, em que vemos algo de uma psicanálise implicada.

Em outros textos, Freud se debruça sobre o processo criativo, na tentativa de compreender seu funcionamento como em *O poeta e o fantasiar* (Freud, 1908/2015) e *Personagens psicopáticos no palco* (Freud, 1905-1906/2015). E ainda há escritos nos quais as obras de arte ensinam a psicanálise e servem de indícios para que a teoria psicanalítica avance. Podemos verificar essa postura em várias Cartas a Fliess, nas quais Freud faz análises de obras literárias como Édipo Rei e Hamlet, mas percebemos também em textos maiores como *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/2019) e *O Delírio e os sonhos na “Gradiva” de W. Jensen* (Freud, 1907/1996). Nesses casos, podemos dizer, conforme Autuori e Rinaldi (2014), que a psicanálise aprende com a arte, uma vez que confere estatuto de verdade ao dito do artista. Passando da ficção ao mundo real, “Freud denuncia que o artista fornece, através de suas criações, as mesmas descobertas que a psicanálise propõe” (p. 311) por outros meios.

Não sem razão, a mitologia serviu como um método epistêmico para Freud, permitindo-lhe pensar um dentro-fora da psique, ou seja, nessa perspectiva freudiana, o mito seria resultado de formulações psíquicas como consequência da exigência de trabalho imposto pelo corpo à psique. Por isso, ele o chamou de “mitos endopsíquicos” ou “psicomitologia”, em dezembro de 1897, em uma carta endereçada a Fliess (Masson, 1986, p. 186). Assim, podemos evidenciar no mínimo três eixos mitológicos basilares que se

encontram nos textos de Freud. O primeiro está n' *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019) e apresenta o mito como um modo de compreensão dos processos inconscientes, fazendo uma analogia entre o sonho e o mito, no ponto em que o primeiro projeta os desejos inconscientes de um sonhador em particular, e o segundo expressaria o sonho da humanidade. O segundo pode ser verificado em *Totem e tabu* e diz respeito à hipótese do mito da "horda primitiva", proposto por Freud (1912-1913/2012) para pontuar a existência de uma passagem histórica da natureza para a cultura, ou seja, o momento de encontro do homem com a lei e as ressonâncias desse encontro. O terceiro eixo está no uso que Freud faz do Édipo, no qual o mito é usado para tratar da constituição do sujeito a partir do encontro com essa lei e suas consequências para o sujeito do desejo (Teodoro et al., 2020).

Vale ainda comentar que, a despeito da resistência de Freud com a filosofia, muitos de seus conceitos aludem diretamente a debates de longa data estabelecidos em um terreno predominantemente filosófico, do qual podemos destacar, por exemplo, a problemática de uma "mente inconsciente", já discutida, aceita ou rejeitada por uma série de pensadores como Alexander von Hartmann, Henri Bergson, William James, Franz Brentano (cujos seminários, na Universidade de Viena, Freud frequentou), entre muitos outros (Simanke, 2010).

É bem verdade que Freud chegou a confessar ter encontrado, mais tarde, em Schopenhauer, muitas semelhanças com a sua teoria da repressão, além de ter citado o filósofo em textos como *Além do princípio de prazer* (Freud, 1920/2020). Em outros momentos, porém, afirma ter se privado de ler Nietzsche por receio de achar em sua obra antecipações que influenciariam suas próprias elaborações (Freud, 1914/2012). De maneira semelhante, encontramos nas primeiras linhas do texto *Personagens psicopáticos no palco* (Freud, 1905-1906/2015) menção explícita a Aristóteles e a apropriação do filósofo sobre a catarse e o significado que o termo tinha na Grécia Antiga.

Ainda pensando nos fundamentos filosóficos da psicanálise freudiana, temos sua grande teorização da pulsão de morte que, em *A análise finita e a infinita* (Freud, 1937/2017), remonta a Empédocles de Agrigento, no século V a.C. Na ocasião desse texto, o mestre de Viena assemelha a ideia do filósofo de que haveria duas grandes forças responsáveis pelo devir cósmico – o Amor (Philia) e a Discórdia (Neikos) – a sua própria formulação de que haveria duas forças responsáveis pelo devir pulsional e seus conflitos – Eros e Tânatos –, que ele nomeou de pulsão de vida e pulsão de morte (Garcia-Roza, 1986). Com isso, o que queremos destacar é que a psicanálise se diferencia desses fundamentos ao propor um modo fundamentalmente novo de tratamento desses problemas, numa perspectiva bastante oposta ao discurso metafísico da filosofia, em sua pretensão de captar a totalidade do ser e do real (Birman, 2003).

Assim, não parece estranho que Freud tenha criado um neologismo derivado do termo metafísica para nomear o modo próprio de produção do conhecimento psicanalítico – metapsicologia. É bem verdade que o prefixo meta, como Freud afirma, indica que se trata de um método que propõe realizar uma leitura da subjetividade para além da psicologia, ou seja, uma leitura que não se restringe ao estudo das faculdades psíquicas. Esse método epistêmico seria então fundado na interpretação, uma vez que "o psiquismo seria construído em torno dos conceitos de sentido e de significação, pois a interpretação apenas seria possível se

estivesse sempre remetida ao mundo do sentido como o seu correlato” (Birman, 2021, p. 53). E essa interpretação, por sua vez, seria construída a partir de um deciframento.

Isso porque os processos psíquicos inconscientes, que posteriormente Lacan chamará de formações do inconsciente, apresentam-se “de maneira cifrada, tanto para o sujeito quanto para o intérprete” (Birman, 2021, p. 54). Para que esse deciframento aconteça, o imperativo metodológico em jogo para o analisante é associar livremente, em contrapartida, cabe ao analista uma atenção flutuante. Tais imperativos “revelam a exigência de suspensão do eu, para que as diversas cadeias associativas, na sua real fragmentação, possam se enunciar em ato como discurso” (p. 55). Desse modo, seria possível interpretar algo do desejo do sujeito “sem os ruídos das manobras explicativas do eu e sua ação instrumental, que estaria sempre voltada para a adaptação do sujeito à realidade social” (p. 55).

Nesses termos, depreendemos que a construção de um método próprio de produção do conhecimento evidencia que Freud permaneceu fiel ao objeto maior de investigação da psicanálise, a saber, o inconsciente, que, em última instância, mostra-se inapreensível ao discurso científico, seja ele calcado nas ciências da natureza ou nas ciências humanas. Isso não significa que Freud tenha se desviado de sua proposta inicial de construir uma psicanálise como uma ciência da natureza, muito pelo contrário, só evidencia que ele estava atento às peculiaridades de seu objeto para adaptar essa epistemologia. Pois, “lá onde a fidelidade do objeto é máxima, o método precisa ser reinventado”, como esclarece Iannini (2017, p. 124). Portanto, esse ato freudiano é o que lhe possibilita operar com o objeto da psicanálise sem que o mesmo perca a densidade.

Nessa linha de pensamento, recorreremos à formulação freudiana do conceito de pulsão que – a despeito de não ser esta sua intenção primeira – pretende, em meio ao problema epistemológico da dualidade mente/corpo, encontrar uma saída possível ao ser descrito na condição de conceito-limite, ou seja, “a pulsão opera numa certa zona de indeterminação, de indistinção entre corpo e aparelho psíquico: embora sua fonte seja sempre somática, só conhecemos dela seu representante psíquico” (Iannini, 2017, p. 96). Por esse viés, parece-nos que a metapsicologia igualmente se propõe como uma saída epistemológica possível que permite a Freud avançar na produção de conhecimento em psicanálise e no discurso estrito da epistemologia, visto que não se paralisa diante da dicotomia epistemológica – ciências da natureza/ciências humanas. Só assim pareceu possível a Freud escrever “numa linguagem coerente, embora muitas vezes metafórica, mítica, analógica, as sutilezas e contradições de um objeto teórico que tem por natureza esse escapar por entre as malhas do conceito” (Iannini, 2017, p. 125).

### **Considerações finais**

Revisitando as influências históricas e epistemológicas da constituição da psicanálise freudiana ressaltamos inicialmente um contexto profundamente marcado pelo dualismo epistemológico – ciências da natureza/ciências humanas – que se mostrava contraproducente em diversas áreas balizadas pelo discurso científico, como foi o caso da psicologia. Nessa contenda, a originalidade de Freud estava em não tomar esse dualismo como ponto de chegada, mas como ponto de partida, no ponto em que entende, primeiro, os limites das ciências tanto naturais quanto humanas e, segundo, as peculiaridades do que se tornou seu objeto maior de investigação, a saber, o inconsciente. Como propor o conhecimento de um objeto que por natureza escapa

às tramas próprias do discurso científico? Um objeto que somente pode ser percebido pelos furos desse discurso, no terreno próprio dos lapsos, atos falhos e chistes?

Ao que parece, o problema de Freud não se localizava nas dicotomias – natureza/cultura, ciências da natureza/ciências humanas, teoria/clínica – pois essas tensões se mostraram condições *sine qua non* do próprio psiquismo. Tendo formulado um projeto inicial de construir uma psicanálise como uma ciência da natureza, seu problema estava em como ser fiel ao seu objeto. Nesse ponto, seu rigor científico associado à sua formação cultural lhe possibilitou forjar um método que conseguisse escrever o impossível, usando por vezes, metáforas, mitos, literatura a fim de tornar minimamente universal o que é da ordem do extremamente singular.

Deriva daí: por um lado, a invenção de um método clínico fundamentado na associação livre como meio privilegiado de acesso ao fenômeno subjetivo inconsciente, enquanto solução engenhosa para o velho problema da experiência imediata que, por assim dizer, fundou o projeto (não apenas freudiano) de uma psicologia científica; por outro, a metapsicologia, tomada como “bruxa” no ponto em que oferece uma solução possível para os limites tradicionais da metodologia científica clássica e dos aspectos especulativos do saber cultural. Aqui, acabamos por retornar ao tema da independência intelectual a que Freud se referia, visto que sua intervenção no pensamento ocidental acabou se mostrando uma profunda subversão no campo dos saberes sobre o psíquico, sejam esses de proveniência filosófica, psiquiátrica, neurológica ou psicológica.

No tocante aos limites da pesquisa, destacamos que esse estudo enfrenta desafios decorrentes da análise de teorias históricas e conceitos complexos. A natureza subjetiva da interpretação de textos freudianos e a aplicação de seus conceitos em contextos contemporâneos podem levar a múltiplas interpretações, refletindo a complexidade do legado freudiano. Entretanto, efetuamos um percurso que além das discussões desenvolvidas, permitiu-nos evidenciar que uma das áreas promissoras para pesquisa futura seria a integração da abordagem freudiana com os avanços na neurociência e psicologia cognitiva que possibilitaria explorar com mais afinco as ciências na produção do conhecimento psicanalítico e de outras áreas científicas. Outro campo de interesse envolve a adaptação e aplicação das teorias psicanalíticas em diferentes contextos culturais e sociais modernos.

Em suma, a psicanálise parece se apresentar como um campo de subversão no interior da própria modernidade, como uma “máquina de guerra” contra as ilusões de autonomia e engrandecimento do Eu e da consciência (Birman, 2003; Loureiro, 2006). Não sem motivos, o próprio Freud (1917/2010) se incluía, juntamente com Nicolau Copérnico e Charles Darwin, no grupo daqueles que teriam produzido uma ferida no narcisismo humano. Talvez, por isso, seja possível, até hoje, medir os efeitos e a influência de seu pensamento.

## Referências

- Assoun, P.-L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Assoun, P.-L. (2012). *Freud e as ciências sociais: psicanálise e teoria da cultura*. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Autuori, S., & Rinaldi, D. (2014). A arte em Freud: um estudo que suporta contradições. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*, 34(87), 299-319. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v34n87/a02.pdf>
- Birman, J. (2003). *Freud & a filosofia*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed.
- Birman, J. (2021). *Ser justo com a psicanálise: ensaios de psicanálise e filosofia*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Chaves, E. (2015). O paradigma estético de Freud. In S. Freud. *Obras Incompletas de Sigmund Freud - Arte, literatura e os artistas* (E. Chaves, trad., pp. 7-39). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.
- Dunker, C. I. L. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo, SP: Annablume.
- Farr, R. (1996). A emergência da psicologia como ciência natural e social na Alemanha. In R. Farr (Org.), *As raízes da psicologia social moderna* (pp. 37-59). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Freud, S. (2017). Tratamento anímico (tratamento psíquico). In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud - Fundamentos da clínica psicanalítica* (C. Dornbusch, trad., pp. 19-50). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1890).
- Freud, S. (2013). Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud - Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* (E. B. Rossi, trad., pp. 15-150). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1891).
- Freud, S. (1959). Charcot – A histeria: primeiras contribuições à teoria das neuroses. In S. Freud, *Obras Completas de Sigmund Freud* (C. M. de Freitas, trad., Vol., pp. 1-16). Rio de Janeiro, RJ: Editora Delta. (Trabalho original publicado em 1893).
- Freud, S. (2016). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Obras Completas – Estudos sobre a histeria* (L. Barreto, trad., Vol. 2, pp. 9 - 427). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1893-1895).
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 341-481). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (1996). Carta 52. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 281-287). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Obras Completas – A interpretação dos sonhos* (P. C. de Souza, trad., Vol. 4, pp. 01-736). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (2015). Personagens psicopáticos no palco. In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud – Arte, literatura e os artistas* (E. Chaves, trad., pp. 45-52). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1905-1906).

Freud, S. (1996). O Delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 19-88). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).

Freud, S. (2015). O poeta e o fantasiar. In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud – Arte, literatura e os artistas* (E. Chaves, trad., pp. 53-66). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1908).

Freud, S. (2015). Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci. In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud – Arte, literatura e os artistas* (E. Chaves, trad., pp. 69-165). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, S. (2012). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras Completas – Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros trabalhos* (P. C. de Souza, trad., Vol. 11, pp. 7-176). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912-1913).

Freud, S. (2015). O Moisés, de Michelangelo. In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud – Arte, literatura e os artistas* (E. Chaves, trad., pp. 183-219). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (2012). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Obras Completas – Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros trabalhos* (P. C. de Souza, trad., Vol. 11, pp. 177-237). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (2010). Uma dificuldade da psicanálise. In S. Freud, *Obras Completas – História de uma neurose infantil (o homem dos “lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos* (P. C. de Souza, trad., Vol. 14, pp. 179-187). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).

Freud, S. (2020). Além do princípio de prazer. In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud – Além do princípio de prazer [Jenseits des Lustprinzips]* (M. R. S. Moraes, trad., pp. 57-220). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (2011). Autobiografia. In S. Freud, *Obras Completas – O eu e o id, Autobiografia e outros textos* (P. C. de Souza, trad., Vol. 16, pp. 75-167). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).

Freud, S. (2015). Dostoiévski e o parricídio. In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud – Arte, literatura e os artistas* (E. Chaves, trad., pp. 283-305). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1928).

Freud, S. (2017). A análise finita e a infinita. In S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud – Fundamentos da clínica psicanalítica* (C. Dornbusch, trad., pp. 315-364). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1937).

Garcia-Roza, L. A. (1986). *Acaso a repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed.

Iannini, G. (2017). Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. In S. Freud. *Obras Incompletas de Sigmund Freud - As pulsões e seus destinos* (P. H. Tavares, trad., pp. 91-133). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.

Iannini, G.; Tavares, P. H. & Romão, T. L. C. (2021). Escrever a clínica: Freud entre a ciência e a literatura. In S. Freud. *Obras Incompletas de Sigmund Freud - Histórias clínicas: cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica* (T. L. C. Romão, trad., pp. 15-28). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.

Loureiro, I. (2006). Luzes e sombras. Freud e o advento da psicanálise. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira & F. T. Portugal (Orgs.), *História da psicologia: rumos e percursos* (pp. 371-386). Rio de Janeiro, RJ: Nau Ed.

Mannoni, M. (1999). *Elas não sabem o que dizem: Virginia Woolf, as mulheres e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Masson, J. M. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904* (pp. 286-288). Rio de Janeiro: Imago.

Simanke, R. T. (2009). A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiæ studia*, 7(2), 221-235. doi: <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200004>

Simanke, R. T. (2010). O que a filosofia da psicanálise é e o que ela não é. *ETD – Educação Temática Digital*, 11, 189-214. doi: <https://doi.org/10.20396/etd.v11iesp..906>

Simanke, R. T., & Caropreso, F. (2018). Considerações preliminares acerca de um método histórico-conceitual para a pesquisa teórica em psicanálise. In L. Fulgêncio et al. (Orgs.), *Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos* (pp. 55-68). São Paulo: Zagodoni.

Teodoro, E. T., Chaves, W. C., & Silva, M. L. (2020). Freud e a questão do feminino: pressupostos míticos da prática clínica. *Ágora*, 23(3), 72-81. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142020003010>